

254
RODOLFO ROCKER

ESPÓLIO PINTO QUARTAS

N. 1723

B. 779

O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO
— E A —
ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA



1925

S.
B. 779

EDITORIAL DE A BATALHA
CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.^o
LISBOA — PORTUGAL

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT



**O sindicalismo revolucionário
e a organização operária**

:: :: Composto e impresso :: ::
na tipografia de A BATALHA
C. do Combro, 38-A-2º. — Lisboa

U. S. DEPARTMENT OF AGRICULTURE
BUREAU OF PLANT INDUSTRY

PLANT INDUSTRY
BUREAU OF PLANT INDUSTRY
DEPARTMENT OF AGRICULTURE
WASHINGTON, D. C.

RODOLFO ROCKER

O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO
— E A —
ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

1925

EDITORIAL DE A BATALHA
CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.º
:-: :-: LISBOA — PORTUGAL :-: :-:

RODOLFO ROCKER

Nasceu em Magância, Alemanha, e começou a sua vida como operário encadernador. Durante algum tempo seguiu com simpatia a social-democracia alemã, mas as suas aspirações não se satisfizeram com as lutas políticas e os seus ímpetos de rebeldia levaram-no, em breve, para o campo anarquista, principalmente sob a influência de Miguel Bakunine.

Aos vinte anos, por perseguições políticas, foi para Paris, e, em seguida, percorreu a pé uma boa parte da Europa e algumas regiões da Ásia. Conseguiu deste modo tomar conhecimento de quasi todos os idiomas da actual civilização, e ampliar a sua visão do mundo e da vida.

Durante dezasseis anos viveu na Inglaterra (de 1892 a 1914), onde desenvolveu uma grande propaganda, sobretudo entre os judeus.

De 1900 a 1908 publicou em «idisch» (língua dos judeus) a revista *Germinal*, onde manifestou principalmente toda a pujança do seu talento.

Para o «idisch», traduziu também obras de Nietzsche, Máximo Gorki, Réclus, Krapotkine, Crave, Nordau, Nieuwenhuis, etc., além dos seus livros: «Esbôço biográfica de Miguel Bakunine», «História do movimento terrorista na França» e «Francisco Ferrer e a educação libertária da juventude».

Nos seus trinta anos de propaganda foi, especialmente durante a conflagração europeia, que êle exerceu uma maior actividade.

Logo que esta rebentou, foi imediatamente internado pelo governo inglês num navio, como inimigo estrangeiro.

Ali sofreu êle as brutalidades dos agentes governamentais, a fome, o frio e os insultos da turba desvairada pelo patriotismo militarizado, no meio duma massa de alemães, austríacos e húngaros, composta de artistas e professores, de cantores e aventureiros.

E, enquanto a sua compãheira, Milly Witkop, tomava o seu posto, para desenvolver a sua propaganda contra a guerra e contra o Estado, Rodolfo Rocker procurava interessar o pequeno mundo, onde era obrigado a viver. Em conferências e leituras sobre temas científicos e lite-

rários começou a falar perante o seu singular auditório. Em breve foram abordados os problemas sociais e entre discussões se chegou aos princípios e soluções do comunismo anarquista, começando em seguida Rocker a pedir e a enviarem-lhe de Londres caixões cheios de livros de propaganda.

Com o armistício, Rocker saiu da Inglaterra para a Holanda, e assim que se deram os acontecimentos revolucionários na Alemanha, quiz ali penetrar, mas os marxistas que tinham subido ao poder, proibiram-lhe a entrada, em virtude de ter sido expulso 25 anos antes por revolucionário!

A Holanda também não queria que êle lá se conservasse mas como país nenhum da Europa o aceitava teve de ali ficar, acompanhando nos seus últimos dias o velho libertário Domela Nieuwenhuis.

Finalmente pôde reentrar na Alemanha, quando se encontrava em efervescência o povo do seu país natal.

Tomou ali parte nas revoltas populares, integrando-se no movimento sindicalista revolucionário, que nessa ocasião tomou um certo incremento na Alemanha.

Nos debates de tendências teve êle então uma acção notória e influente, marcando com critério genuinamente revolucionário os meios e a finalidade do sindicalismo, os problemas das Internacionais proletárias, o conceito e a prática das ideias de «soviets» e da «ditadura», os frutos da revolução russa e as possibilidades duma revolução mundial.

E ao mesmo tempo que escrevia, trabalhava também na organização das classes trabalhadoras, colaborando na constituição da «Freien Arbeiter-Union Deutschlands», (União de Operários Livres da Alemanha), e na organização da Conferência Internacional do Sindicalismo, efectuada em Berlim em Dezembro de 1920, que serviu de base para a constituição da verdadeira Internacional operária: A actual Associação Internacional dos Trabalhadores.

Declaração de princípios da F. A. U. D. (*)

«A presente ordem social e capitalista, fundamenta-se na escravização económica, política e social do povo laborioso e encontra a sua expressão essencial por um lado no chamado «direito de propriedade» — ou seja, no monopólio da posse; e por outro no Estado — ou seja, no monopólio do poder.

«Pela monopolização da terra e dos demais meios de produção nas mãos de pequenos grupos sociais privilegiados, as classes produtoras são forçadas a vender aos proprietários as suas capacidades, espiritual e física, para poderem viver e assim são forçadas a entregar uma parte considerável do produto do seu trabalho aos monopólios. Desse modo, constringidos à situação de escravos sem direitos, carecem de todo o influxo na marcha e no processo da produção, abandonando-o por completo ao direito determinante dos capitalistas. Natural é, pois, que num tal estado de coisas o fundamento da actual produção de bens não seja determinado pelas necessidades dos homens, mas sim pela condição primordial da ganância dos possuidores. E como esse sistema se estende também ao campo e à distribuição dos produtos, as consequências neste particular são também as mesmas, exprimindo-se na exploração desapiadada das grandes massas a favor da pequena minoria de possuidores. Se a espoliação dos produtores é o objectivo mais ou menos simulado da produção capitalista, o engano dos consumidores é o verdadeiro fim do comércio capitalista.

«Sob o regime capitalista todas as conquistas da ciência e do progresso espiritual são dominadas pelos monopolistas. Cada novo desenvolvimento nos domínios da técnica, química, etc. contribue para aumentar desmedidamente as riquezas das classes possuidoras, em horrível contraste com a miséria social de todas as camadas da sociedade e a constante insegurança económica das classes produtoras.

«Pela luta ininterrupta dos diversos grupos capitalistas

(*) Em alemão: «Freien Arbeiter-Union Deutschlands»; em português: União dos Operários Livres da Alemanha.

nacionais tendentes à dominação dos mercados, criou-se uma causa perpétua de crises externas e internas, que se aliviam periodicamente com as guerras devastadoras, cujas espantosas conseqüências quasi só as camadas inferiores da sociedade têm que sofrer. A divisão social em classes e a luta brutal de «todos contra todos», essa característica da ordem capitalista, actuam ao mesmo tempo degeneradora e funestamente no carácter e nos sentimentos morais dos homens, relegando para um plano secundário as inapreciáveis qualidades de apoio mútuo e o sentimento de solidariedade — a preciosa herança que humanidade recolheu dos períodos anteriores à sua evolução, substituindo-as por hábitos morbidos e anti-sociais, como o crime, a prostituição e todos os outros fenómenos da podridão social.

«Com a evolução da propriedade privada e dos contrastes das classes a ela ligados, surgiu para os proprietários a necessidade duma organização política privada com todos os meios técnicos da força para a defesa dos seus privilégios e a subjugação das grandes massas — o Estado. O Estado é o produto do monopólio privado e da divisão de classes e actua com todos os meios da astúcia e da violência em favor da manutenção do monopólio e das diferenças de classe; e, conseqüentemente, em favor da eternização da escravatura económica e social das grandes massas do povo, tendo-se elevado no curso do seu desenvolvimento à categoria de instituição mais violenta de exploração da humanidade civilizada.

«A forma exterior do Estado em nada altera esse facto histórico. Monarquia ou República, despotismo ou democracia — tôdas representam unicamente diversas formas políticas de expressão do mesmo sistema de exploração económica, que se podem diferenciar entre si pela sua constituição externa, mas nunca pela sua natureza íntima, pois em tôdas as suas modalidades apenas são uma encarnação da força organizada das classes dominantes.

«Com a aparição do Estado principia a centralização da organização artificial de cima para baixo. A Igreja e o Estado foram os primeiros representantes, foram os primeiros esteios desse sistema sem necessidade de outras escoras. E como está na própria natureza do Estado a subordinação de tôdas as actividades à sua suprema autoridade, os métodos para a centralização tiveram conseqüências tanto mais funestas quanto mais o Estado pôde ampliar e consolidar o círculo das suas funções. O centralismo é, pois, a mais extrema encarnação daquele sis-

tema que permite a capricho de quaisquer individuos poderem regular os assuntos de todos.

«Por esse meio o individuo converte-se num manequim movido e dirigido desde o alto, por uma engrenagem morta dum monstruoso maquiavismo. Os interesses da generalidade devem ceder ante os privilégios duma minoria, a iniciativa individual à ordem imposta de cima, a diversidade à uniformidade, a responsabilidade íntima a uma disciplina cega, a educação da personalidade a um adestramento mecânico — e tudo isto com o fim de formar súbditos leais, que não se atrevam a tocar no fundamento do existente, objectos baratos de exploração para o mercado capitalista do trabalho. Assim se torna o Estado num poderoso obstáculo a todo o progresso e a tódta a evolução cultural, o mais firme baluarte das classes possuidoras contra as aspirações emancipadoras do povo laborioso.

«Os sindicalistas, reconhecendo aqueles factos, são adversários profundos de tódta a economia monopolista. Aspiram à socialização da terra, dos instrumentos de trabalho, das matérias primas e de tódta as riquezas sociais; à reorganização de tódta a vida económica sob a base do comunismo livre, anárquico, expresso na divisa: *de cada um segundo a sua capacidade, a cada um segundo as suas necessidades.*

«Partindo do conhecimento, que o sindicalismo é, em última análise, um problema de cultura e que como tal só pode ser resolvido de baixo para cima pela actividade criadora do povo, os sindicalistas rejeitam todos os meios de estabilização, que só podem conduzir à pior forma de exploração, ao capitalismo de Estado e nunca ao socialismo.

«Os sindicalistas mantêm a convicção de que a organização duma ordem económica socialista não pode ser regulada por resoluções e decretos governamentais, mas sim pela agrupação de todos os operários manuais e intelectuais em cada ramo especial de produção; pela posse da administração dos estabelecimentos pelos mesmos produtores de forma que os grupos particulares, as fábricas e demais ramos de produção fiquem como membros independentes do organismo económico geral, que organizem sistematicamente a produção total e a distribuição geral no interesse de todos, sob a base dos livres e recíprocos acordos.

«Os sindicalistas são de opinião que os partidos políticos, qualquer que seja a sua ideologia, nunca serão capazes de realizar a edificação socialista; esse trabalho só pode ser levado a cabo pelas organizações económicas de

luta dos trabalhadores. Por esta razão não vemos no sindicato um produto passageiro da sociedade capitalista, mas sim o germen da futura organização socialista. Neste sentido os sindicalistas aspiram já hoje a uma forma de organização que lhes dê capacidade para a sua grande missão histórica, tendo em conta, ao mesmo tempo, a luta de defesa dos melhoramentos quotidianos do salário e das condições de trabalho.

«Em tôdas as localidades agrupam-se os trabalhadores no sindicato revolucionário do respectivo officio; êsse sindicato revolucionário não está soburdinado a nenhuma central, administra os seus próprios fundos e dispõe de completa auto-determinação. Os sindicatos dos diversos officios associam-se numa Federação por localidade (na Alemanha: *Arbeiterbase*; em Portugal U. S. O. ou *Câmara Sindical do Trabalho*) o centro de actividade sindical local e de propaganda revolucionária. Tôdas as federações locais se agrupam na Federação geral para reunir e conjugar forças na acção geral.

«Além disso, cada sindicato está unido a todos os sindicatos do mesmo officio ou afins, do país, agrupados em uniões gerais de indústria. Desta maneira formam a federação das Federações locais e a federação das Uniões de indústria (Confederação) os dois polos em torno dos quais gira a vida sindical. Se os trabalhadores forem colocados em face duma revolução vitoriosa, ante o problema da edificação socialista, uma Federação local (União ou Câmara sindical) converter-se-ia numa espécie de officina local de estatística e tomaria sob a sua alçada os edificios officiais, os meios alimentícios, o vestuário, etc. A Federação local teria a missão de organizar o consumo e por intermédio da federação geral das Federações locais poder-se-ia calcular facilmente o consumo total do país e organiza-lo da maneira mais simples.

«As Uniões (Federações) de indústria por sua parte teriam a missão de tomar sob a sua alçada, mediante os órgãos locais e com a ajuda dos conselhos de fábrica, todos os meios de produção existentes, as matérias primas, etc. e provêr com todo o necessário aos grupos particulares de produção e fábricas. Numa palavra: Organização das fábricas e officinas por conselhos de fábrica; organização da produção geral pelas Federações industriais e agrícolas; organização do consumo pelas Uniões ou Câmaras Locais de Trabalho.

«Como adversários de toda a organização estatal, os sindicalistas combatem a chamada conquista do poder político e consideram como melhor a abolição de todo o

poder político como primeira condição de existência duma verdadeira ordem socialista.

«A exploração do homem pelo homem está ligada intimamente à dominação do homem pelo homem, de maneira que a desapareição duma deve levar necessàmente à desapareição da outra.

«Os sindicalistas regeitam fundamentalmente tôdas as formas de acção parlamentar, tôda a colaboração com as corporações legislativas, partindo do conhecimento que o sufrágio mais livre não pode suavisar as evidentes contradicções da sociedade actual e que o sistema parlamentar só tem como fim emprestar ao regime de mentira e de injustiça social a apariência de legalidade — incitando os escravos a imprimir à sua própria escravidão o selo da lei.

«Os sindicalistas combatem tôdas as fronteiras políticas e nacionais arbitrariamente traçadas; vêem no nacionalismo simplesmente a religião do Estado moderno e regeitam fundamentalmente tôdas as aspirações tendentes à conservação da chamada unidade nacional, por detrás da qual só se oculta a dominação das classes possuidoras. Reconhecem apenas diferenças de natureza regional e exigem para todos os grupos étnicos o direito de poderem resolver os seus assuntos e atender às suas necessidades culturais particulares, segundo a sua maneira e temperamento, em acôrdo solidário com os demais grupos e uniões de povos.

«Os sindicalistas estão no terreno da acção directa e apoiam tôdas as aspirações e lutas do povo que não estejam em contradicção com os seus fins — a abolição do monopólio económico e da dominação do Estado. A sua missão é educar espiritualmente as massas e uni-las nas organizações económicas de luta para as levar pela acção económica directa, que tem a sua mais alta expressão na greve geral social, à emancipação do jugo do salariado e do moderno Estado de classes.» — (*Declaração de princípios aprovada pela F. A. U. D. no seu XII Congresso, 27-30 de Dezembro de 1919, Berlim*).

Os partidos políticos

Como complemento da declaração de princípios, o XIII Congresso da F. A. U. D., realizado em Düsseldorf, adoptou a seguinte resolução:

«A Declaração de princípios, aprovada no XII Congresso é ratificada. Só no texto da mesma pode ser concretamente fundamentado o seu exacto sentido, sobretudo pelo que respeita à posição dos sindicalistas em face do

partidos políticos de tôdas as tendências. Todos os partidos existentes se colocam no ponto de vista da conquista do poder político estatal, incluindo aqueles que têm no seu programa, como base, a interpretação marxista ou materialista da história. Querem conquistar o poder político estatal para transformar por meio da violência do Estado as condições espirituais e económicas. A experiência tem demonstrado que todo o partido, uma vez de posse do poder, obra em sentido conservador e portanto reaccionário. Os partidos são organizações afins e não de iguais em interesses

«O centro de gravidade da força duma sociedade está no domínio económico e nas organizações económicas e é por estas que devem ser realizadas as lutas decisivas que tem por objecto a transformação da ordem social. Partindo dessa convicção a F. A. U. D. (sindicalistas) coloca-se no terreno da concepção do socialismo anárquico, que tem por base a abolição de todo o poder político. Isso condiciona a rejeição do sistema centralista dos partidos marxistas, tomado do sistema estatal capitalista. Ao contrário, a F. A. U. D. coloca-se francamente no terreno do federalismo e vê na organização económica de todos os produtores, que deve estar inspirada pelo sentimento de solidariedade e do apoio mútuo, o fundamento da futura ordem social. O federalismo exige responsabilidade e liberdade de decisão em todos os domínios da vida económica e moral e regeita a influência organizadora interna dos partidos e das organizações equivalentes. Conseqüentemente, os membros das organizações sindicalistas não podem pertencer a um partido político. O reconhecimento do sindicalismo e do federalismo exige tolerância no domínio da vida espiritual e deixa aos seus membros completa liberdade sobre a integração noutros agrupamentos de cultura, etc. que não se oponham com a sua actividade à acção dimanada da nossa declaração de princípios.»

Origens do movimento operário

O moderno movimento operário é o resultado natural daquela grande revolução económica que começou já ao finalizar a Idade Média e que ponde desenvolver-se sem obstáculos, especialmente depois das grandes revoluções de Inglaterra e de França. As velhas instituições feudais caíram ruidosamente em ruínas e em tôdas as partes de-

seu desenvolveram-se com desconcertadora regularidade novas formas de vida social que modificaram radicalmente toda a conformação da sociedade europeia em poucas dezenas de anos. Começou aqui aquele período de industrialização, que se converteu num ponto de partida duma fase nova da civilização humana e que influiu poderosamente em todos os domínios da vida moral e material. Por um lado as grandes revoluções da Europa destruíram violentamente os laços que haviam travado a sociedade feudal ao desenvolvimento de novas formas de produção. Por outro lado o florescimento da ciência havia criado condições para uma completa transformação da técnica nas velhas modalidades da produção, e a burguesia vitoriosa, por possuir já um certo poder económico, teve a possibilidade de explorar essas novas conquistas do espírito humano em seu favor, podendo assim ampliar os seus privilégios económicos e sociais, e firmar-se mais sólidamente na sociedade.

Essas condições não forçaram a burguesia como classe a uma evolução radical nas formas de produção, como a miúdo se afirma: a burguesia soube utilizar dum modo desconsiderado os novos resultados da ciência e dessa maneira lançou os verdadeiros alicerces da nova ordem social capitalista.

Nos estabelecimentos fabris e nas fábricas dos novos centros industriais, onde a miséria social das massas esbragadas se amontou, surgiu uma nova camada da sociedade, desconhecida até então com aquele aspecto: o moderno proletariado industrial, a classe dos operários assalariados, que só podem garantir a sua vida pela venda da sua força de trabalho.

Na Inglaterra, onde as indústrias romperam primeiramente as apertadas fronteiras do velho *artesanado* e provocaram um novo sistema de produção baseado na divisão do trabalho e na centralização das indústrias, foi onde primeiro se realizou esse processo de transformação social, que depois se estendeu paulatinamente aos outros países. Com auxílio das famosas «leis do cerco» roubou-se a terra aos camponeses, forçando-os ao exodo para as cidades industriais como objectos de exploração cómoda para o capitalismo industrial. Fazendeiros conservadores e barões liberais da indústria associaram-se para executar em comum o roubo sistemático das terras comunais, em que ambos — cada qual a seu modo — estavam interessados.

Distantes do lár nativo, que se lhes havia arrebatado, aturdidos pelo ruido das máquinas e estonteados pelas

novas impressões da sua nova situação, esses modernos escravos, de princípio não compreenderam o que de novo e fora dos seus velhos hábitos caía sobre eles por toda a parte. Mas não tardou muito a conhecerem a gravidade da sua nova existência. Os capitalistas arrojjaram-se com uma fúria brutal sobre esses servos da moderna grande indústria para lhes extrair a última gota da sua energia vital. O trabalho dos homens não lhes bastava e as mulheres e as crianças foram forçados a entrar nas grandes oficinas e estabelecimentos fabris para pagarem o seu tributo sangrento à voracidade do capitalismo.

Privou-se o operariado do descanso dominical e outros dias de festa ou de repouso e apenas se lhe consentiu a quantidade de sono justamente necessário para que não se esgotassem duma só vez. A mortalidade infantil e a degenerescência do novo proletariado industrial adquiriram formas tão horripáveis que os contemporâneos perspicazes puderam falar de um atentado à existência nacional do povo inglês. Os testemunhos de médicos e peritos daquele terrível período demonstraram com meridiana clareza de que modo infame o capitalismo executou o despojo da vida e da saúde do proletariado inglês. Assustado pelas espantosas revelações sobre aqueles acontecimentos duma «evolução» que na opinião dos economistas burgueses estava chamada a fazer de Inglaterra o país mais rico do mundo, o governo tentou, entre 1802-1831, preservar as crianças das consequências da mais brutal exploração mediante uma série das chamadas leis de proteção. Mas essas leis, na sua maior parte, ficaram letra morta, pois os fabricantes sabotaram-nas abertamente sem que o governo se tivesse atrevido a proceder contra elles.

A idea de organização

Nestas circunstâncias era natural que a idea de organização abrisse caminho entre os trabalhadores. As próprias condições e as amargas experiências de toda a hora martelaram no seu cérebro a idea duma estreita agrupação para defender os seus interesses. Cada individuo sentiu a sua impotência pessoal nesse novo jôgo e buscou força e auto-confiança na união com os seus companheiros de sofrimento. Assim nasceram as primeiras sociedades industriais como primeira forma do movimento operário moderno que se desenvolveu com assombrosa rapidez.

Ainda que moderadas fôsem as aspirações dos trabalhadores, limitadas somente a gestos naturais por espirito

de conservação, o capitalismo viu com franca desconfiança, com ódio e com temor esse novo movimento e as suas organizações. Foi assim que o parlamento inglês aprovou uma lei, em 1800, a favor do capitalismo industrial e que proibia aos operários toda a organização que se occupasse do melhoramento da sua situação econômica. O governo fundamentou essa medida vergonhosa no pretexto de ter que impedir a introdução das ideas revolucionárias de França.

Mas com essa medida produziu-se uma irritação geral entre os trabalhadores. Longe de se submeterem à lei tirânica, os trabalhadores utilizaram-se de todos os meios para a burlarem e neutralizar os seus efeitos. Publicamente fundaram sociedades de socorros, caixas para enfermos, de entérro, etc. Mas, por detrás de todos estes organismos, estavam as sociedades industriais secretas e as fraternidades que actuavam em favor dos interesses dos trabalhadores. As perseguições draconianas do governo contra os trabalhadores pioraram a situação. As lutas econômicas, dirigidas pelos sindicatos clandestinos, assumiram um carácter extraordinariamente irritado e em não poucas vezes chegaram à rebelião armada. Os operários destruíam as instalações mecânicas, incendiavam as fábricas, arruinavam as matérias primas e castigavam com a morte os traidores. A miúdo essas lutas adquiriram tais dimensões que o governo viu-se obrigado a intervir militarmente contra os operários rebeldes. As uniões sindicais secretas deviam contribuir com graves sacrificios. Centenares dos seus melhores e mais abnegados membros foram arremessados para as prisões ou degradados para longíquas colônias, onde a maioria pereceu ou se inutilizou sem ter podido regressar ao lar. Mas as piores perseguições não bastaram para quebrar o movimento nem destruir as suas organizações. Os trabalhadores resistiram contra todas as medidas do Estado e dos capitalistas, até que em 1825 foi finalmente votado o reconhecimento dos sindicatos, a-pesar-de continuarem expostos a constantes perseguições.

Esta primeira fase do movimento operário caracterizou-se simplesmente pelas discordâncias mais salientes da economia capitalista, mas sem a atacar de frente. Pelo contrário: sonhava-se, então, com uma harmonia entre o Capital e o Trabalho, que deveria ser garantida pela organização sindical dos trabalhadores. Os operários contentavam-se com a luta por salários mais elevados, por mais curta jornada de trabalho e melhor tratamento nas fábricas. Nessas lutas contra o capitalismo usaram de to-

dos os meios que a organização económica colocava à sua disposição, ou seja, a greve, o boicote, a sabotagem, etc.

Progressos da mentalidade revolucionária

As primeiras sociedades operárias eram quasi exclusivamente comunidades de interesses, cujos fins tendiam a melhorar a situação dos trabalhadores e a defender os seus interesses materiais contra os ataques do capitalismo. Só na primeira metade da década 1820-30 do século passado tentaram Robert Owen, o grande pioneiro do socialismo na Inglaterra, e os seus adeptos, animar as sociedades operárias inglesas com o espirito socialista ao fundar a *Grand National Consolidated Trades Union* e ao defender o ponto de vista de que as organizações sindicais dos trabalhadores eram chamadas a tomar em suas mãos a direcção da produção social. Esse movimento teve também um brilhante êxito e constituiu, por assim dizer, o ponto culminante do velho movimento trade-unionista inglês. Mas socumbiu com as terríveis perseguições que foram exercidas naquele tempo, de novo, sobre as organizações operárias. A sua queda foi condicionada também pelo facto de muitos dos seus mais radicais e abnegados elementos se voltarem para o cartismo, que na sua bandeira inscreveu o lema da conquista do poder político e cuja fraseologia revolucionária fez acreditar a muitos que o caminho político era o mais curto.

O socialismo francês

Enquanto na Inglaterra o movimento operário se desenvolvia daquele modo, no continente e especialmente em França surgiam uma série de escolas e tendências socialistas e social-reformistas que tendiam a uma transformação mais ou menos radical das formas económicas existentes. Homens como Fourier, Saint-Simón e seus discípulos e pouco depois Buchez, Leroux, Cabet, Proudhon, Vidal, Pecqueur, Blanc, etc. — além dos socialistas jacobinos que se agruparam nas sociedades secretas, no tempo do chamado reinado constitucional, em torno de Barbés e Blanqui — tinham, a-pesar-das suas diferenças teóricas e táticas, um ponto em que se encontravam todos: o reconhecimento de que as revoluções puramente políticas não resolviam os problemas sociais que minavam a sociedade. Por esse motivo buscaram a solução do

problema social na transformação das condições económicas sob uma base mais ou menos socialista. Alguns dêles abstiveram-se de toda a actividade política; outros julgaram obter melhor o seu fim procurando influenciar a política com uma ideologia socialista.

A maioria destas tendências — à excepção das sociedades secretas comunistas, em grande parte compostas de operários — estavam formadas quasi só de intelectuais e de membros das classes possuidoras que por razões morais aspiravam a uma transformação da sociedade em benefício das grandes massas. As suas ideias tiveram de princípio pouco acolhimento e menos foram compreendidas pelas massas. Só depois, quando nasceram do seio mesmo da classe operária as suas «associações» como primeira forma do seu novo movimento, encontraram as ideias dos pensadores socialistas ambiente para se difundirem no seio do proletariado. Foram especialmente Luís Blanc e depois Proudhon os que tiveram maior influência na evolução espiritual das associações, que não devem ser confundidas com as actuais cooperativas, como se faz a miúdo.

Mas esse jovem movimento da classe operária francesa, como todos os outros germens do primeiro movimento operário em França, foram sufocados pelo golpe de Estado de Luís de Bonaparte, e quando o movimento despertou para a vida em 1860-70, adquiriu um carácter mais sindical penetrado por ideias socialistas.

A Primeira Internacinal

Dos sindicatos de Inglaterra e de França surgiu também a Associação Internacional dos Trabalhadores, cujas origens ideológicas se podem investigar nesses países, nos anos 1830-40 e 1840-50. A Internacional no fundo não era mais que uma grande *organização económica de luta* que tendia à abolição da escravidão do salariado. No seu seio desenvolveram-se aquelas aspirações como a ideia dos conselhos, a ideia da acção directa e da greve geral, que se consideram hoje novas, mas que na realidade não são. A Internacional foi a verdadeira escola espiritual do moderno movimento operário na Europa. Foi o primeiro grande ensaio do proletariado internacional para agrupar as suas forças económicas e sociais numa grande federação, a fim de transformar pelo seu próprio esforço os fundamentos da economia monopolista e da opressão do Estado, e estabelecer uma nova forma de organização social na qual as riquezas naturais e sociais fôsem propriedade

colectiva e as organizações económicas do povo laborioso tomassem nas suas mãos a administração da produção e do consumo.

Enquanto a Internacional se orientou por aqueles princípios, prosperou poderosamente e desenvolveu-se cada vez mais como poder internacional organizado do trabalho contra o sistema do capitalismo internacional. Nem o facto de no seio da grande Associação se manifestarem claramente diversas correntes de ideas, pôde deter o seu desenvolvimento, pois compreendeu-se que o movimento operário não é uma igreja que só admite uma idea solidamente delineada e condena as demais por heréticas. E como a organização federalista da grande federação operária estabelecia a possibilidade da propaganda livre e da livre aplicação da mesma, sempre que não houvesse contradição com as tendências básicas da Internacional, as divergências de opinião não fôram capazes de abalar os fundamentos da Associação. Pelo contrário, os seus congressos e reuniões tiveram um carácter vivo e profundo que pouco se observa hoje.

Mas tudo se modificou logo que o Conselho Geral, sob a direcção de Marx e Engels, quiz impôr às federações da Internacional a *conquista do poder político* e a intervenção obrigatória na política do Estado burguês, — uma imposição que, em última análise, deveria levar a Internacional a desviar-se da sua velha orientação e a transforma-la numa simples máquina eleitoral, como sucede com os modernos partidos operários. Aquela conduta provocou o mais enérgico protesto das federações mais activas e moralmente mais ágeis e levou a Internacional, por fim, à scisão e à ulterior decadência. Foi êsse o começo daquele triste fenómeno que se tem repetido sempre no movimento operário de todos os países desde então: *Enquanto que a organização sôbre uma base económica foi sempre um elemento de unidade entre os trabalhadores, a política dos chamados partidos socialistas apresentou-se sempre como um factor de decomposição interna e de aniquilamento.*

O que quere o Sindicalismo Revolucionário

O *Sindicalismo Revolucionário* é a encarnação daquela tendência moderna no movimento operário que aspira a uma agrupação económica de todos os operários manuais e intelectuais para os libertar pela acção directa e revolucionária do jugo do capitalismo e das instituições coercitivas estatais, preparando-os para a reorganização da sociedade sob a base do socialismo libertário ou anarquista. Em opposição aos modernos partidos operários socialistas dos diversos países os sindicalistas não se propõem agrupar os trabalhadores em determinados partidos políticos. As suas aspirações organizadoras são de preferência dirigidas no sentido de reunir os operários na sua qualidade de produtores e em demonstrar-lhes que a existência desta ordem social é dependente da sua actividade produtiva.

Por estas razões os sindicalistas não se dirigem às diversas correntes e fracções políticas do proletariado, mas sim aos trabalhadores como criadores dos valores sociais — ao mineiro, ao mecânico, ao ferroviário, ao marítimo, ao trabalhador rural, ao técnico, ao químico, etc. — numa palavra, a todos os elementos produtivos, cuja actividade criadora rejuvenesce e mantém dia a dia a vida social.

E, pois, a *Associação económica dos trabalhadores* que os sindicalistas têm sempre em vista e na qual vêm a *condição básica essencial para a emancipação das classes proletárias*, entendendo, outrossim, que a *política dos chamados partidos operários é o elemento de decomposição no movimento operário e um obstáculo no caminho da libertação*.

Para os sindicalistas o sentido da organização não é um inanimado conceito mecânico, mas antes um fenómeno condicionado pelas ligações internas da vida social, um facto orgânico e sempre em acção, que tem sua origem nas necessidades incontáveis e diversas dos homens. Neste sentido a organização não é nunca um objectivo, um fim, mas sempre um meio.

A unidade proletária

A missão da organização só pode ser preenchida se as necessidades, os interesses e as manifestações da vontade estão entre si sólidamente fixadas e orgânicamente ligadas. Só partindo deste ponto de vista recebe um sentido e significação claros o hoje tão debatido problema da or-

ganização unitária. Em opposição aos partidos políticos, os sindicalistas vêm na organização económica a base verdadeira e natural da unidade proletária. *Partido* é sempre *fragmento* de um *todo* que quer impôr da parte de fora, consciente ou inconscientemente, ao *todo* os seus objectivos particulares. A unidade interna do povo laborioso não significa, pois, um amontoamento arbitrário e puramente mecânico de elementos divergentes sob a coacção duma morta disciplina; deve, antes, corresponder às necessidades gerais dos interesses e aspirações sociais, e encontrar nelas a sua base natural. Para isso não é decisiva uma organização política, mas a *comunidade de interesses e de aspirações*. Só na *organização económica do proletariado* é possível tal unidade, porque nela os trabalhadores estão ligados directamente à sua obra e são pessoalmente defensores, combatentes e portadores dos seus interesses, enquanto que na política sempre são figuras externas para a cubiça dos partidos e instrumentos para determinados interesses particulares, que lhes são apresentados falsamente como próprios.

A missão do sindicalismo

O sindicalismo revolucionário é um movimento de classe e como tal está sempre no terreno da luta revolucionária de classes sociais e da acção directa. A sua missão é dupla: Por um lado aspira a tornar o mais favorável possível a situação dos trabalhadores dentro da ordem social capitalista e a defender o trabalho contra os ataques do patronato e do Estado mediante a aplicação dos meios revolucionários de luta, como a *greve*, o *boicote*, a *sabotagem*, etc.; por outro lado considera como a sua mais elevada missão abrir caminho a uma nova ordem social de coisas e marchar praticamente pelo caminho em que a administração de toda a vida social e económica fique na posse do mesmo povo laborioso. É esta missão a que caracteriza e dá significação histórica para o futuro ao sindicalismo revolucionário. *Só na organização económica dos trabalhadores, inspirada pelo espírito revolucionário, pode preparar-se a reorganização da sociedade e adoptar num momento dado uma sólida conformação*. Esta organização é simultaneamente comunidade de interesses e de ideias e regeita fundamentalmente todo o dualismo no movimento operário que pretende revestir as aspirações espirituais dos trabalhadores e a percepção dos seus interesses económico-sociais em formas de organização especiais.

Pelo que se refere às lutas quotidianas entre o capital e o trabalho, é claro que estas só podem ser realizadas pelas organizações económicas do proletariado e não pelos partidos políticos. A significação social dessas lutas, condicionadas pelo sistema económico-capitalista, não pode ser vista superficialmente, como acontece com o proletariado de tendências políticas partidistas. *É uma concepção completamente errônea a que sustenta que as chamadas lutas económicas são, no fundo, estêreis, pois se tira sempre aos trabalhadores, pelo conseqüente aumento de preços, etc., o que obtêm do capitalismo como produtores.*

Se é verdade que o moderno proletário como assalariado não pode nunca ganhar bastante para modificar a sua situação social, não é menos verdade que o termo médio do sustento da vida proletária pode ser muito diverso. Existe uma grande diferença entre a situação geral do proletariado na primeira época do capitalismo e a situação do proletariado actualmente. Os trabalhadores daquele tempo estavam catorze e desasseis horas a trabalhar e apenas ganhavam o mais necessário para passarem uma existência miserável; os trabalhadores actuais têm outras necessidades que não se conheceram antes e por isso manifestam novas exigências à vida. É só à sua *organização económica* têm que agradecer o poderem elevar o seu nível geral de vida, após esforçadas lutas. As posições conquistadas foram e devem ser defendidas nessa luta, ininterruptamente, contra os ataques simulados e francos do capitalismo, que procura sempre rebaixar o nível de vida dos proletários ao mais baixo grau. Um exemplo vivo disto nos oferece a actual situação desesperada do proletariado alemão, muito inferior às suas condições de antes da guerra. Enquanto que o capitalismo industrial e agrário não retrocedeu perante nenhum escrúpulo e aproveitou a ocasião para obter, durante a depois da guerra, enormes benefícios à custa da generalidade do povo alemão, a social-democracia, com a sua ideologia, desviou o proletariado para a louca ilusão de que devia evitar tanto quanto possível em vista de se ter perdido a guerra, todos os melhoramentos de vida para não pôr em perigo o saneamento económico do país. O resultado foi o abandono quasi sem luta das suas posições ao capitalismo e a degradação do operário alemão à categoria dum mendigo ordinário.

Mas as continuas lutas pela conquista do pão quotidiano e o melhoramento da situação geral da vida tem ainda outra significação, que lhes presta um alto valor ético.

São a melhor escola educativa para os trabalhadores, para o emprego e o profundamente prático das suas sensações sociais e das suas iniciativas pessoais nos quadros da ajuda recíproca e da cooperação solidária. Assim se converte o sindicato em lugar de educação para e continua elevação das capacidades intelectuais e morais do proletário e campo de acção para o desenvolvimento das suas melhores qualidades sociais e individuais. A organização económica de luta transforma-se para êle, deste modo, em alavanca das suas continuas lutas contra os poderes de exploração e de opressão e ao mesmo tempo em ponte para chegar do inferno do capitalismo estatal ao reinado do socialismo e da liberdade.

Pois também para a reorganização da sociedade em sentido socialista é a organização económica de luta a única base consistente, enquanto que o partido se apresenta justamente falho de significação e de capacidade para êsse efeito. Os violentos acontecimentos que se observaram nos últimos cinco anos na Rússia e na Europa central, testemunham eloquentemente que os partidos políticos, dominados pelas velhas tradições das revoluções burguesas, são capazes de conquistar o poder estatal, mas que carecem de tudo para a reorganização social e económica da sociedade. Os movimentos sociais e as reconstruções da sociedade não são feitos por decretos do Estado ou outras prescrições legais feitas de cima para baixo; são acontecimentos que se desenvolvem no próprio seio das massas, da livre acção de todas as forças criadoras do povo, impedidas no seu desenvolvimento natural e pouco a pouco totalmente sufocadas pelo labor inanimado e a morta mecanização da rotina governamental, ainda que revolucionária se chame.

O exemplo russo

A Rússia, justamente neste particular, deu-nos um exemplo oportuno, cujas funestas conseqüências para todo o proletariado internacional ainda não podem ser apreciadas hoje em todos os seus detalhes. Enquanto que a ditadura dum determinado partido destruiu violentamente todos os órgãos naturais de reconstrução social — como sucedeu com a grande rede de cooperativas — ou os transformou — como sucedeu com os sindicatos e os *soviets* — em simples instituições do novo Estado, essa ditadura impediu artificialmente todas as condições púrvias para a realização do socialismo e hoje vê-se cada mais forçada a volver ao caminho da economia capita

ta. *A ditadura pôde desenvolver um sistema de opressão política que excede em muito o despotismo do regime czarista, mas revelou-se completamente inútil e fracassou em absoluto quando se tratou duma transformação criadora da economia.*

Contra a política do Estado e dos partidos o sindicalismo revolucionário opõe a política económica do trabalho organizado; contra a acção destruidora dos políticos profissionais opõe a actividade construtiva da administração das organizações económicas. Neste sentido deve dirigir-se tôda a acção socialista das massas. Não se trata de indicar aos trabalhadores os meios e vias que consideram convenientes e necessários para levar ao poder um determinado partido político, mas sim ensinar-lhes *como se administram as oficinas, como se reorganiza a produção de acôrdo com os novos pontos de vista e como se suprimem as divergências existentes entre a indústria e a agricultura.* Numa palavra: *Não se trata da conquista do poder político para os trabalhadores, mas sim da conquista das fabricas e da terra.*

Os sindicalistas revolucionários são de opinião que tôda a nova forma de economia implica também uma nova forma de organização política, e que só dentro dessa nova forma política pode desenvolver-se e realizar-se a vida social. O sistema das guildas da Idade Média achou a sua expressão política na cidade livre; o feudalismo e o sistema de dependência no reinado absoluto; a forma económica do capitalismo no moderno Estado representativo. Portanto é claro que também a ordem económica socialista deve desenvolver e elaborar a sua forma política especial de organização, se não quere condenar-se desde principio à infecundidade. Mas esta nova forma de organização política do futuro não pode, nem ser tomada do passado nem arbitrariamente imitada do presente. Deve ter o seu apoio e fundamento natural no resultado imediato da nova divisão de tôda a vida económica. Junto com o sistema do monopólio económico e da exploração das massas, deve desaparecer também o sistema de tutela e a dominação política, que é condicionada por aquele, ou — para faiar com Saint Simon — *a arte de governar os homens deve ser substituída pela arte de administrar as coisas.*

O socialismo

Enquanto que o socialismo revolucionário dos países latinos, que ficcaam fidelísimos às ideias originárias da velha Internacional, em 1870-75, tiveram que sustentar uma luta desesperada contra a reacção vitoriosa, na qual os seus partidários se viram forçados largos anos a buscar refúgio em movimentos clandestinos — pois lhes estava proibida toda a propaganda pública — desenvolveram-se noutros países e especialmente na Alemanha os chamados partidos operários socialistas — uma novíssima organização no movimento operário que se filiava nas velhas tradições dos socialistas de Estado franceses e dos cartistas ingleses. Na Alemanha, onde em geral não se havia conhecido antes nenhuma outra forma de movimento operário, operou-se essa evolução com especial rapidez. Os partidos operários condicionando a sua actividade dentro da *acção parlamentar e da conquista do poder político*, criaram uma nova ideologia essencialmente distinta da ideologia socialista dos trabalhadores da Internacional. O parlamentarismo, que atingiu rapidamente nos partidos operários uma situação dominante, levou uma multidão de elementos pequeno-burgueses e de intelectuais, ansiosos por fazer carreira, ao seio dos partidos socialistas, favorecendo desse modo ainda mais afeição espiritual revolucionária e desalojando gradualmente todas as verdadeiras aspirações socialistas.

Assim nasceu, em vez do socialismo da velha Internacional, uma espécie de produto suplementar do socialismo, que com este só tinha de comum o nome. O facto de na Alemanha não ter havido nunca uma democracia burguesa, como na Inglaterra e na França, fez com que a social-democracia se convertesse em recipiente de todos os elementos politicamente descontentes do país e que, no fundo, nada tinham de comum com o socialismo, estando simplesmente influenciados pelas ideias do parlamentarismo burguês. Esse fenómeno característico devia precipitar o processo de aburguesamento da social-democracia e dos partidos operários de outros países que estavam sob a sua influência.

Assim se desenvolveram os partidos e os sindicatos submetidos à sua tutela espiritual como partes integrantes necessárias dos seus respectivos Estados nacionais. O socialismo perdeu para os seus chefes, pouco a pouco, o carácter de novo ideal de cultura e de acção chamado a liquidar a civilização capitalista e, como consequência,

deve-se nas fronteiras, artificialmente traçadas, dos diversos grupos estatais. O interesse do Estado nacional e o interesse do partido confundiram-nos êles cada vez mais, até que finalmente, acostumaram-se a considerar o mundo através das lentes dos chamados interesses nacionais. Deste modo se operou a integração dos partidos operários na estrutura estatal nacional, tal e qual como qualquer outra instituição que tivesse por fim a manutenção e consolidação do Estado.

Neste estranho processo de evolução tratou-se menos duma consciente raicão dos chefes que de uma lenta penetração nos rumos sociais evolutivos da ideologia burguesa, integração condicionada pela nova conformação moral dos modernos partidos operários. Os mesmos partidos, que em tempo se propuseram conquistar o poder político sob a bandeira socialista, pela lógica férrea das circunstâncias foram reduzidos a uma posição em que a política burguesa conquistou o seu anterior socialismo, sem que em nada modificassem essa evolução das coisas. A parte inteligente dos seus adeptos reconheceu uma ou outra vez êsse perigo e esgotou-se ocasionalmente em oposições infrutíferas, de antemão condenadas ao fracasso, porque eram feitas simplesmente contra algumas escrecencias do sistema, mas não contra o próprio sistema. Assim se converteram os partidos operários socialistas, sem que as massas que os compunham tivessem disso a consciência, em por-raios políticos para a segurança do sistema capitalista.

O socialismo legalitário e a guerra

Isto explica também a posição da maioria desses partidos no tempo da guerra. E' evidente que os interesses dos diversos Estados nacionais e as aspirações do socialismo, estavam frente a frente. Mas a conformação moral e política dos partidos operários, levou-os a colocar-se ao lado dos governos e a formar uma barreira dentro da sociedade capitalista contra a consciência socialista e as melhores sensações do proletariado. Na Alemanha, onde a evolução política da social-democracia esteve exposta a menos contra-tempos, podemos observar perfeitamente que neste caso não se tratava, de modo nenhum, de desvios acidentais ou de êrros de tática, mas sim de consequências inevitáveis devidas à própria estrutura moral que caracteriza os modernos partidos operários.

A social-democracia não só defendeu durante a guerra, por todos os meios, até aos últimos limites, a classe dominante, não obstante a inegável manifestação imperialista dos grandes industriais e lavradores alemães, como continuou a jogar depois da guerra. Foi uma falta imperdoável a sua feroz oposição, ao estalar a revolução de Novembro, a todas as inovações económicas, sufocando assim o gérmen e desenvolvimento ulterior da revolução. Por culpa sua foram lançadas as bases das uniões fascistas que infestaram a Alemanha, sob a ditadura sangrenta de Noske. Noske armou os modernos Walleustein, e a imprensa social democrata competiu com os jornais burgueses na publicação de anuncios de página para o recrutamento de corpos de voluntários militares. Assim se converteu a social-democracia numa trincheira para a burguesia no período mais perigoso e crítico da sua existência social. Sempre tem desempenhado esse papel. Nos momentos críticos apressou-se sempre a socorrer a burguesia ameaçada com o poder da sua influência. Sob o seu influxo, os sindicatos, mesmo quando se ofereciam melhor oportunidade, não fizeram ensaio algum para que a terrível situação material do proletariado alemão se tornasse mais suportável, e a situação deste é hoje pior que a de nenhum outro país, exceptuando a Rússia. Disse-se aos operários que não se podia pensar em qualquer melhoramento das suas condições sociais enquanto a Alemanha não vencesse a crise determinada pela perda da guerra. E isso sucedia quando o capitalismo embolsava lucros fabulosos e se recusava sistematicamente ao pagamento dos impostos, tirando aos trabalhadores parte dos seus salários de fome.

As lições dos últimos cinco anos

Não obstante, a história dos últimos cinco anos teria podido abrir os olhos aos trabalhadores organizados da Alemanha. Essa história foi cheia quasi exclusivamente com as lutas vitoriosas dos monopolistas contra os diversos governos que se sucederam. Todas as relações internas e externas estavam mais ou menos sob a direcção económica dos grandes industriais alemães e seus aliados. Stinnes foi, nesse particular, um símbolo para a Alemanha moderna. Ele, que, com o pânico da guerra mundial e a miséria infinita do povo no período seguinte, amontou incalculáveis riquezas, cuja fabulosa grandesa carregou de sombras todo o brilho dos multi-milionários da América; êle, cujos tentáculos se estendiam por toda

a Alemanha e pelo resto do mundo, cujas garras operavam, ao mesmo tempo no país da «ditadura do proletariado» e no longínquo Chile; êle, Stinnes, dirigiu, depois da guerra uma luta sem quartel contra todos os governos alemães, colocando em frente à política do poder as suas grandes companhias económicas, que até agora se revelaram muito mais poderosas que as resoluções sobre o papel do Reichstag. Foram Stinnes e o seu grupo que se antepuseram com o maior sangue frio aos ensaios tentados à estabilização do «marco», produzindo o espantoso período de influência que levou à beira do abismo milhões de homens, mulheres e crianças alemães. Justamente durante êsse terrível período conseguiu Stinnes firmar melhor as suas companhias e obter os maiores lucros com a miséria do povo.

Stinnes e a sua coorte provocaram directamente a ocupação do Ruhr pelos franceses. E durante essa infecunda aventura que custou à Alemanha somas consideráveis, o povo consumiu-se ainda mais no abismo da mais desesperada penúria. O tratado de Versalhes não produziu tão graves feridas na Alemanha como a política sem escrúpulos dos seus grandes industriais e lavradores, que não só souberam privar o Estado dos impostos, como contraíram no Reichstag empréstimos dolosos quando o «marco» valia ainda dez *peniques*, pagando-os prontamente quando, graças às suas transacções obscuras, o valor do «marco» baixou para uma décima parte do *penique*.

A' Social-democracia se deve agradecer a aventura do Ruhr, preparada por Stinnes e a sua quadrilha ao povo alemão; os seus chefes é que a tornaram possível, pois deixaram-se também arrastar desta vez pela onda nacionalista artificialmente trabalhada, como sucedeu ao estalar a guerra. Não vacilaram em formar um governo de coligação com o *Deutschen Volkspartei*, votou pelas chamadas leis «concessionárias» como aprovou a entrega do país à *dominação dos generais*, a-pesar-de tôdas as experiências do passado — durante os motins Hitler.

Assim salvou a social-democracia outra vez a burguesia alemã duma situação crítica cuja paga consistiu em ser derrubada quando terminou aquele labôr. Pouco tempo depois repeliu pela segunda vez êsse jôgo perverso de política vêsga e com êle sacrificou o último resto de auto-respeito político.

Todos os governos, em última análise, não são mais que engrenagens políticas do poder das castas possuidoras. Mas não se demonstrou nunca a um povo a completa de-

pendência de todo o governamentalismo dos especuladores desavergonhados duma oligarquia de Raiffkes giganteS, por uma forma tão notória e cínica, como sucedeu entre nós durante os últimos cinco anos. Mas nenhuma dessas experiências frutificou. A social-democracia não alterou a sua posição — o que prova de que não se pode excusar à obediência das leis internas da sua evolução moral.

O partido comunista também não constitue uma excepção á regra. Pelo contrário, tem levado ao extremo todos os defeitos e deficiências do partidarismo centralista e é simplesmente um órgão de política exterior da commissário-cracia russa, erigida sob os mesmos princípios de dominação que qualquer outro despotismo de classe. Para a libertação da classe trabalhadora da tutela do Estado e do jugo do salário é tão pouco o partido comunista como a social-democracia. *Se uma constitue a válvula de segurança das classes possuidoras deste país, o outro é um meio de pressão política das artes governativas do Estado russo.* As experiências dos últimos anos demonstraram a evidência que o aparelho político partidarista que os trabalhadores tomaram da burguesia, nem é apropriado para melhorar a sua situação de classes laboriosas dentro da sociedade actual, nem para preparar e realizar a sua emancipação do jugo do sistema capitalista de exploração. Por estas razões o proletariado tem necessidade duma nova arma de organização e de outra preparação mental para executar a grande obra de libertação social e reconstruir a sociedade sobre novos alicerces.

A acção parlamentar

Os sindicalistas revolucionários, como adversários profundos do Estado, rejeitam a *acção parlamentar*, cuja essência constitue um compromisso com a ordem social existente. Para as diversas classes que gosam do predomínio social presente, o parlamentarismo é a expressão normal da sua actividade política. Entre essas classes e os políticos que encarnam os seus interesses e aspirações, não existe, na realidade, nenhuma diferença fundamental. Entre os partidos burgueses, desde os conservadores aos democratas, não existe diferença alguma na sua essência íntima; e se alguma existe é apenas na forma de expressar as suas comuns aspirações. Todos os partidos burgueses assentam na base do capital privado e do moderno Estado. A opposição entre elles gira exclusivamente em torno das fórmulas exteriores dessas instituições, mas

nunca em torno da sua existência. Para os partidos que estão fundamentalmente no terreno da ordem social capitalista, o parlamentarismo é, por conseguinte, uma instituição extremamente benéfica e conveniente para a nivelção pacífica das suas pequenas divergências.

Para as grandes massas da população trabalhadora, que passam a sua existência sob a maldita escravidão do salariato, as coisas tomam um aspecto distinto. Para o proletariado dos campos, das fábricas e oficinas, o socialismo é o único meio de salvação; o problema social que para êle está em primeiro plano é o de carácter económico não puramente político. Entre o proletariado e as diversas camadas da burguesia não existem apenas divergências de pura forma, mas oposição profunda, baseada na natureza das coisas, que não se podem conciliar. Para os partidos burgueses o monopólio privado e o Estado são elementos uniformisadores e conciliadores. Para as grandes massas a existência dessas instituições constitue o alicerce da sua servidão e da sua tutela social. *Por esta razão tôda a tentativa de parlamentar, de mediar, de nivelar, é inicialmente contra-revolucionária no sentido do socialismo, pois entre o socialismo e o capitalismo há divergências que não admitem nivelção.* O sufrágio mais livre não tem influência alguma nessas divergências, pois a liberdade política sem a igualdade económica é um engano, uma mentira, uma ilusão.

O nacionalismo

Os sindicalistas revolucionários também são *adversários decididos de tôdas as aspirações nacionalistas*, por detrás de cuja ideologia só se ocultam os brutais interesses materiais das classes possuidoras, diametralmente em oposição aos verdadeiros interesses do proletariado em todos os países. Por este motivo recusam tôda a cooperação do movimento operário com os chamados interesses nacionais do Estado, tal como os têm expressado até aqui na política os diversos partidos operários. *O nacionalismo, qualquer que seja o seu carácter, constitue um baluarte da reacção, de tôdas as aspirações retrógradas.* As experiências dos últimos anos demonstraram isso claramente, se outra experiência não existisse. A cristalização dos organismos nacionalistas no movimento fascista dos diversos países revelam claramente o perigo dessas tendências e seus francos propósitos. Os sindicalistas revolucionários vêem nas fronteiras nacionais e políticas, talhadas pela política de força dos Estados, obstáculos

artificiais ao desenvolvimento mental e social, que apenas aproveitam aos detentores da riqueza de cada país. Reconhecem a todo o grupo étnico particular o direito à sua cultura própria e às suas possibilidades especiais de desenvolvimento nos quadros regionais e nas relações internacionais federativas em que assentará a vida do porvir. Mas essa inter-dependência cultural e espiritual só será possível quando cessar o privilégio de determinados grupos económicos e companhias sobre as matérias primas necessárias à produção e se se realiza, mediante pactos livres entre os diversos órgãos da vida económica internacional, a internacionalização das regiões naturais das matérias primas, que assegure à população de qualquer região a sua parte necessária nas riquezas naturais e nas matérias primas de outra região. Só sob a base duma organização social socialista deste modo, será possível uma convivência harmónica entre os diversos grupos étnicos.

O militarismo

Ao mesmo tempo que o nacionalismo, os sindicalistas combatem tôdas as formas de militarismo, no qual veem, ao lado da ignorância das massas, o mais forte baluarte do regime capitalista de violência. Por este motivo prestam especial valor à propaganda anti-militarista em todos os aspectos, particularmente pelo que respeita à acção de recusa em servir o Estado e em especial no boicote organizado dos trabalhadores contra a produção do material de guerra e de utensílios para o exército.

Os órgãos da vida futura

Os sindicalistas revolucionários são de opinião que os gérmenes e órgãos necessários da futura vida social devem desenvolver-se no seio da sociedade actual e consideram que êsses órgãos são as organizações económicas da classe operária. Organizam, pois, já êsses agrupamentos tanto quanto possível de acôrdo com o destino futuro, capacitando-os para a expropriação e a reorganização da vida económica e social. As federações de uniões locais por um lado e por outro a federação das uniões de indústria, como ficou exposto a largos traços na *declaração de princípios*, são os órgãos que se apresentam mais apropriados àqueles fins, para se oporem às tendências capitalistas estatais e tornarem possível a administração da produção e do consumo pelos próprios operários. Naturalmente trata-se aqui de determinadas linhas gerais que indi-

cam simplesmente o caminho da próxima revolução, sem as exigências práticas que resultam duma transformação social e que hoje não podem ser previstas, sem as querer reduzir a princípios dogmáticos.

O mais importante é que os trabalhadores se ocupem do problema da nova forma de sociedade para formarem um juízo claro sobre as instituições que devem substituir os actuais organismos de vida económica e social. *Foi uma falta funesta da concepção marxista desprezar como utópico o esboço de planos e orientações para a organização duma sociedade socialista*, uma falta que a classe operária alemã custou caro em Novembro de 1918. O pensamento de que o socialismo deve nascer necessariamente do sistema capitalista, como a fagulha divina da cabeça de Minerva, é um astuto sofisma. As próprias circunstâncias nos trarão o socialismo, *mas para isso é necessário a vontade e a clara visão dos trabalhadores no organismo económico da sociedade*. Nesse terreno está principalmente o ponto de referência da educação socialista das massas, que os sindicalistas tratam de fomentar com todos os meios de que dispõem.

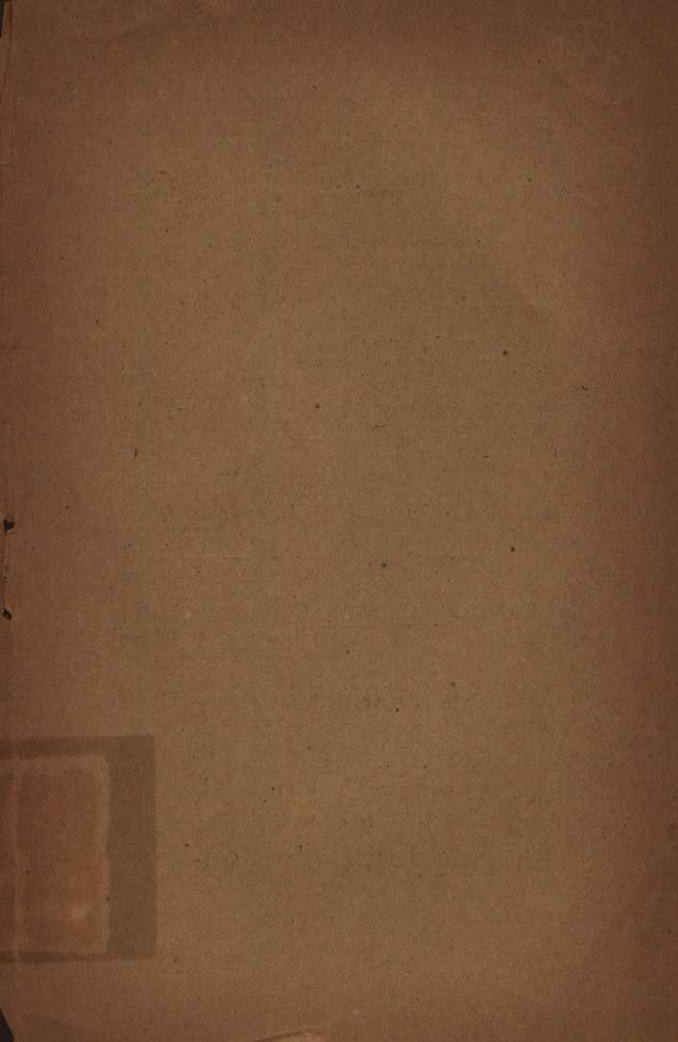
Métodos de luta

Os métodos de luta do sindicalismo revolucionário não estão no campo da actividade parlamentar, nem se cobrem com as satisfações dos golpes de Estado revolucionários do jacobinismo comunista para o estabelecimento duma determinada ditadura de partido. Os seus métodos estão no terreno económico, principalmente nos actos colectivos do proletariado contra o capitalismo e tôdas as manifestações de opressão dos governantes. Na sua qualidade de produtores, possuem os proletários na sua força de trabalho, para defender as suas exigências, um instrumento natural como não existe outro. O trabalho é o fundamento de toda a sociedade, o eterno renovador da vida social, a alavanca que põe em movimento toda a nossa existência e a torna possível. E são os trabalhadores que dispõem dessa alavanca, na qual se materialisa a verdadeira força da sua posição social. Quanto mais se aproximar dessa posição a consciência do movimento, quanto mais sistemática e calculadamente souberem empregar as suas organizações revolucionárias de luta pela acção directa contra o capitalismo e seus defensores, tanto mais rapidamente soará a hora da sua emancipação. *E', pois, missão dos sindicalistas dar às lutas diárias pelo salário uma mais funda significação social, pro-*

fundando cada vez mais entre os proletários o pensamento de que o fim dos seus sofrimentos só será um facto com a queda da escravidão do salariato e do sistema capitalista.

Tôdas as lutas entre o capital e o trabalho são por assim dizer *étapes* nesse caminho, pois fortalecem a sentimento de solidariedade dos trabalhadores e sobrepõem os interêsses de classe aos interêsses de officio. Essa é também a verdadeira essência da idea de greve geral, na qual acham a sua mais elevada expressão os meios económicos e sociais de luta do proletariado.

Estas são, em poucas palavras, as ideas e métodos do sindicalismo revolucionário, que na nossa opinião estão chamados a servir de bússola aos deserdados e aos despojados do nosso tempo no grande calvário da paixão do salário escravizador para o novo mundo do comunismo livre.



127

EDITORIAL DE «A BATALHA»

ORGANIZAÇÃO SOCIAL SINDICALISTA

Capítulos: I. O ideal — A idea — II. Os fenómenos sociais — III. Agregados sociais — IV. As duas classes antagónicas — V. Organização Sindicalista — VI. Meios de acção — VII. Conclusões (estrutura orgânica).

Fóra do texto: Esquema gráfico da O. S. S.
1 volume com 160 páginas — 3\$00

A CRISE DO SOCIALISMO

POR AUGUSTIN HAMON

Capítulos: Sua evolução — Sua situação presente — Suas causas — Seus efeitos — O futuro.

Brochura com 60 páginas — 1\$00

OS I. W. W. NA TEORIA E NA PRÁTICA

Interessante trabalho sôbre a organização industrialista do proletariado norte-americano.

1 volume com 164 páginas — 3\$00

O SINDICALISMO REVOLUCIONARIO E A ORGANIZAÇÃO OPERARIA

POR RODOLFO ROCKER — 1\$00

A REVOLUÇÃO SOCIAL

E O SINDICALISMO

PCR P. ARCHINOF — 1\$00

SERVIÇO DE LIVRARIA DE «A BATALHA»

Obras sociológicas e Romances revolucionários, Esperanto, Literatura portuguesa dos melhores autores etc.

Satisfazem-se todos os pedidos que venham acompanhados das importâncias respectivas

Calçada do Combro, 38-A, 2.
LISBOA — PORTUGAL

I.C.

P. 1773